



**UNIVERSIDADE ESTADUAL DA PARAÍBA - UEPB
CENTRO DE CIÊNCIAS HUMANAS E AGRÁRIAS - CCHA
CAMPUS IV - DEPARTAMENTO DE LETRAS E HUMANIDADES - DLH
CURSO DE: LICENCIATURA PLENA EM LETRAS**

JULIANA DOS SANTOS

O NEGRO NA LITERATURA INFANTOJUVENIL: leitura de *O menino marrom*, de ziraldo

**CATOLÉ DO ROCHA – PB
2023**

JULIANA DOS SANTOS

O NEGRO NA LITERATURA INFANTOJUVENIL: leitura de *O menino marrom*, de Ziraldo

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Departamento de Letras e Humanidades – CCHA/CAMPUS IV, da Universidade Estadual da Paraíba - UEPB, como requisito para obtenção do título de Licenciatura Plena em Letras.

Orientadora: Profa. Dra. Vaneide Lima Silva.

CATOLÉ DO ROCHA – PB

2023

É expressamente proibido a comercialização deste documento, tanto na forma impressa como eletrônica. Sua reprodução total ou parcial é permitida exclusivamente para fins acadêmicos e científicos, desde que na reprodução figure a identificação do autor, título, instituição e ano do trabalho.

S237n Santos, Juliana dos.
O negro na literatura infantojuvenil: leitura de "*O menino marrom*", de Ziraldo [manuscrito] / Juliana dos Santos. - 2023.
28 p.

Digitado.
Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Letras Português) - Universidade Estadual da Paraíba, Centro de Ciências Humanas e Agrárias, 2023.
"Orientação : Profa. Dra. Vaneide Lima Silva, Coordenação do Curso de Letras - CCHA. "
1. Narrativa infantil. 2. O menino marrom. 3. Ziraldo. 4. Representação do negro. I. Título

21. ed. CDD 305.8

JULIANA DOS SANTOS

O NEGRO NA LITERATURA INFANTOJUVENIL: leitura de *O menino marrom*, de Ziraldo

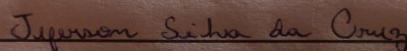
APROVADO EM: 30 de Novembro de 2023.



Profa. Dra. Vaneide Lima Silva
Orientadora - UEPB/CAMPUS IV



Profa. Dra. Ana Paula Lima Carneiro
Examinador - UEPB/CAMPUS IV



Prof. Esp. Jeferson Silva da Cruz
Examinador - UEPB/CAMPUS IV

CATOLÉ DO ROCHA – PB

2023

A Deus, o maior orientador da minha vida. Ele alimentou minha alma com paciência e coragem durante toda a jornada.

AGRADECIMENTOS

A Deus, primeiramente, por ter me proporcionado a realização desta pesquisa, concedendo-me força e persistência para superação de todos os desafios.

À minha mãe, Abiriana (*In memoriam*), a qual não tive a oportunidade de conhecer, mas que vive em meu coração e tenho certeza que estaria vibrando pela minha conquista.

Aos meus avós paternos, Terezinha e José, por terem cuidado de mim desde criança.

Aos meus familiares, por me incentivarem a continuar, especialmente aos meus primos, Carla, Karlos e Gildeci, que me escutaram com muita paciência e me encorajaram nos momentos em que mais duvidei de mim mesma.

Aos meus colegas de curso, pelos momentos convvidos e experiências compartilhadas. Incluo aqui todos os que fiz amizade e tornaram o processo mais leve. Especialmente à Andreza Santana, agradeço por todo apoio e por ter sido presente em cada etapa desta jornada.

Agradeço à minha orientadora, Profa. Dra. Vaneide Lima Silva, pela forma encantadora de apresentar o universo da literatura [infantojuvenil](#) em suas aulas e por toda paciência e dedicação que teve comigo durante todo o desenvolvimento da pesquisa.

Agradeço também à Profa. Dra. Ana Paula Lima Carneiro e ao Prof. Esp. Jeferson Silva da Cruz, por terem aceitado o convite de participar da banca examinadora e contribuído com o trabalho.

E por fim, agradeço a todos os professores e demais funcionários da UEPB, pelo muito que contribuíram para a realização deste sonho.

“Parte significativa do que hoje é a cultura brasileira, melhor, o Brasil, foi construída por negros e mestiços. É redutor pensarmos a nossa história e o nosso futuro sem o significado dessa contribuição.”

(França, 1998)

RESUMO

No âmbito da narrativa infantil, a história revela que as obras destinadas às crianças, surgiram através das adaptações de obras para adultos, como também, de traduções de obras estrangeiras. Ao longo do percurso histórico de determinadas obras literárias, a representação do negro aparece com grande frequência, mas por meio da imagem de personagens negros estereotipados. Partindo dessa constatação, optamos procurar obras que valorizassem as características do negro, evidenciando respeito e acolhimento. Assim, identificamos, no contexto da Literatura voltada para crianças, o livro *O menino marrom*, do autor Ziraldo, o qual decidimos analisar, procurando observar de que maneira o negro é retratado na obra. Nosso trabalho se caracteriza, portanto, como de cunho bibliográfico e está fundamentado nas concepções de: Coelho (1991), Cunha (2003), Lajolo e Zilberman (1999), Meireles (2016), dentre outros. A partir da análise, identificamos concepções da diversidade racial através da valorização da tonalidade de pele do protagonista. Desse modo, conseguimos constatar que a leitura da narrativa em sala de aula, contribui na representatividade negra e na reflexão das diferentes culturas. Destaca-se ainda a importância desta pesquisa para a suplementação de estudos que avançam na temática e estão voltadas para o contexto da literatura infantojuvenil.

Palavras-chave: Narrativa Infantil; Representação do Negro; *O menino marrom*; Ziraldo.

ABSTRACT

In the field of children's literature, history reveals that works aimed at children emerged through adaptations of works for adults, as well as translations of foreign works. Throughout the history of certain literary works, the representation of black people appears very frequently, but through the image of stereotyped black characters. Based on this observation, we decided to look for works that valued the characteristics of black people, showing respect and acceptance. Thus, in the context of children's literature, we identified the book *The brown boy*, by the author Ziraldo, which we decided to analyze, trying to see how black people are portrayed in the work. Our work is therefore characterized as bibliographical and is based on the concepts of: Coelho (1991), Cunha (2003), Lajolo and Zilberman (1999), Meireles (2016), among others. From the analysis, we identified conceptions of racial diversity through the valorization of the protagonist's skin tone. In this way, we were able to see that reading the narrative in the classroom contributes to black representation and reflection on different cultures. We also highlight the importance of this research for supplementing studies that advance the theme and are focused on the context of children's literature.

Keywords: Children's narrative; Representation of black people; The brown boy; Ziraldo.

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO	9
2	CONSIDERAÇÕES EM TORNO DA NARRATIVA	11
2.1	Narrativa para crianças e jovens	14
3	ZIRALDO E A LITERATURA INFANTOJUVENIL	16
3.1	Ziraldo e a importância de sua obra para a formação de leitores	18
3.2	O negro na literatura: algumas considerações	19
4	A REPRESENTAÇÃO DO NEGRO NA LITERATURA	
	INFANTOJUVENIL: leitura de <i>O menino marrom</i>, de Ziraldo	21
4.1	Análise do personagem negro na narrativa: <i>O menino marrom</i>	23
5	CONSIDERAÇÕES FINAIS	26
	REFERÊNCIAS	27

1 INTRODUÇÃO

Esta pesquisa tem como objeto de leitura a narrativa *O menino marrom*¹(2013), do escritor Ziraldo Alves Pinto, e procura perceber de que maneira o negro é retratado na obra. Dessa forma, procuramos identificar e caracterizar o protagonista na narrativa; perceber, através da análise do protagonista, de que modo o negro é retratado no livro; destacar a importância de Ziraldo no contexto da produção literária brasileira voltada para o público infantil e juvenil. Para tanto, nos deteremos na descrição da personagem que intitula o livro, que veio a público pela primeira vez em 1986 e se propõe a enaltecer a cor de seu protagonista, conforme indica a ilustração da obra, realizada pelo próprio autor, que se destaca também no cenário literário brasileiro pela arte de ilustrar. O livro conta a história de dois meninos (o menino marrom e o menino cor-de-rosa) repletos de curiosidades e indagações inquietantes. Enquanto a narrativa se desenrola, os dois meninos vivem diversas aventuras e questionamentos sobre as cores, principalmente o que era preto e o que era branco na natureza.

O interesse pela obra de Ziraldo surgiu através da leitura do livro *O menino marrom* (2013), mencionado em sala de aula quando cursava a disciplina Literatura Infantojuvenil, no Curso de Letras, do Departamento de Letras e Humanidades/CCHA/Campus IV/UEPB. A indicação dessa obra veio atender ao interesse pelo tema da diversidade étnico-racial na literatura infantojuvenil, assunto que se faz necessário discutir em obras que se voltam ao público infantil e na sala de aula.

O texto de Ziraldo apresenta uma história com linguagem simples e realista, expondo de forma lúdica questões de dicotomia entre o branco e o negro, diversos questionamentos do mundo e da variedade das cores, aspecto que se sobressai por meio da ilustração do livro. A beleza como a etnia afrodescendente é retratada constitui um dos fatores que podem despertar o interesse pela obra não apenas por crianças em formação, mas adultos de modo geral.

Do ponto de vista de sua metodologia, trata-se de uma pesquisa de cunho bibliográfico, pois utilizamos uma abordagem qualitativa-analítica em seu desenvolvimento. De acordo com Denzin e Lincol (2006), a pesquisa qualitativa envolve uma abordagem interpretativa do mundo, isto significa que seus pesquisadores estudam acontecidos em

¹ O livro *O menino marrom*, escrito e ilustrado por Ziraldo, foi publicado pela primeira vez em 1986. Contudo, a edição utilizada para realização desta pesquisa foi a de 2013, publicada pela editora Melhoramentos.

cenários naturais, tentando entender os fenômenos em termos dos significados que as pessoas a eles conferem. O estudo se dará, portanto, por meio de leituras de artigos científicos e fichamentos de textos teóricos sobre a temática. Dessa forma, as principais teorias foram encontradas a partir das leituras de autores como: Coelho (1991), Cunha (2003), Lajolo e Zilberman (1999), Meireles (2016), dentre outros que apresentaram considerações importantes para a pesquisa, sobretudo os trabalhos de Proença Filho (2004), Duarte (2013), dentre outros.

Este estudo se encontra organizado da seguinte maneira: no primeiro capítulo, intitulado “Considerações em torno da narrativa”, trazemos algumas considerações acerca do conceito de narrativa, destacando suas principais características. Além disso, apontamos alguns elementos da narrativa voltada para crianças e jovens, sem deixar de destacar a importância da leitura desse gênero para a formação dos mesmos.

No segundo capítulo, denominado “Ziraldo e a literatura infantojuvenil”, situamos historicamente a literatura infanto-juvenil no Brasil, ressaltando a importância da obra de Ziraldo na formação de crianças e jovens leitores. Por fim, no terceiro capítulo, nomeado “A representação do negro na literatura infantojuvenil: leitura de *O menino marrom*, de Ziraldo”, realizamos o estudo analítico da narrativa *O menino marrom*, procurando perceber de que maneira o negro aparece representado no livro. Desse modo, a análise se centraliza na abordagem do protagonista da obra, sem deixar de fazer referência a outros elementos estruturais da narrativa que se fazem importantes para a construção do perfil da personagem principal.

Entendemos que o preconceito e o racismo, ainda são muito presentes em nossa sociedade. Dessa forma, a relevância da pesquisa está inerente na abordagem do tema, visto que contribui para o ensino de literatura na etapa da educação, na formação de cidadãos e no poder da representatividade negra em obras literárias.

A leitura de obras como a de Ziraldo se faz necessária sobretudo na escola, que se constitui o ambiente ideal para a formação do indivíduo. Dessa forma, torna-se um espaço propício para discussão sobre diferentes culturas e etnias. Enfim, acreditamos que por meio da literatura infantojuvenil a criança e o adolescente conseguem despertar a sua imaginação, ampliar o seu conhecimento próprio e de mundo, sendo capaz ainda de torná-los indivíduos críticos. Sendo assim, a escola carrega um papel importante no que diz respeito à aprendizagem dos alunos, devendo estar atenta às contribuições que a literatura pode trazer para a formação da identidade de cada ser, tornando-se, desta feita, ferramenta imprescindível no desenvolvimento da cidadania.

2 CONSIDERAÇÕES EM TORNO DA NARRATIVA

Este tópico objetiva, num primeiro momento, retomar algumas considerações em torno do conceito de narrativa, destacando algumas de suas principais características. Num segundo momento, procuramos apontar alguns elementos da narrativa voltada para crianças e jovens, sem deixar de destacar a importância da leitura desse gênero narrativo para a formação de crianças e jovens.

Para definir o conceito de narrativa, Genette (1995) distinguiu o termo em três noções distintas: no primeiro sentido, “narrativa designa o enunciado narrativo”, o discurso oral ou escrito que assume a relação de um acontecimento ou de uma série de acontecimentos. No segundo, “narrativa designa a sucessão de acontecimentos, reais ou fictícios”, que constituem o objeto desse discurso, e as suas diversas relações de encadeamento, de oposição, de repetição, etc. No terceiro contexto, “narrativa designa um acontecimento”, contudo, não aquele que se conta, mas aquele que consiste em que alguém conte alguma coisa: o ato de narrar tomado em si.

Tomando como base os estudos feitos por Genette (1995), podemos dizer que a maneira mais comum de compreender a narrativa é como um discurso narrativo, principalmente, quando se trata de contextos da narrativa literária.

Apesar de que o termo narrativa, como ato de relatar, possui formas distintas de pensamento, é relevante distingui-las, já que são considerações de um mesmo objeto a que ele chama de “realidade narrativa”. Conforme destaca Genette (1995):

Proponho, sem insistir nas razões aliás evidentes da escolha dos termos, denominar-se história o significado ou conteúdo narrativo (ainda que esse conteúdo se revele, na ocorrência, de fraca intensidade dramática ou teor factual), narrativa propriamente dita o significante, enunciado, discurso ou texto narrativo em si, e narração o acto narrativo produtor e, por extensão, o conjunto da situação real ou fictícia na qual toma lugar (Genette, 1995, p. 25).

Deduzimos, portanto, através dos três conceitos, que o crítico considera que a realidade narrativa está ligada aos elementos de história que se refere ao conteúdo ou significado, narrativa referindo-se ao discurso narrativo em si e narração como ato de narrar.

A narrativa é estruturada em torno de cinco elementos principais, são eles: o enredo, o narrador, os personagens, o espaço e o tempo. Em consideração à ideia de Genette (1995), em que o discurso é o instrumento base da análise narrativa, o estudioso realiza

esboços nos aspectos de tempo, modo e voz. Com ênfase no pensamento de que o tempo e o modo indica relação entre história e narrativa, enquanto a voz inter-relaciona entre a narração, narrativa e história.

Em relação aos elementos principais da narrativa, é válido apresentar uma breve definição de cada um. A vista disso, Gancho (1991, p. 11) define o “enredo como o conjunto dos fatos de uma história”, sendo o conflito o seu elemento estruturador. A autora afirma que o enredo é organizado por uma exposição, que estabelece a parte inicial da história; complicação, momento no qual se desenvolve os conflitos; clímax, parte de maior tensão dos conflitos e desfecho, que é o momento final da história, ou seja, quando temos a solução dos conflitos (Gancho, 1991).

Ademais, dentro desse mesmo contexto, há a possibilidade do surgimento de outro enredo, que se trata do enredo psicológico, no qual “[...] os fatos nem sempre são evidentes, porque não equivalem a ações concretas do personagem, mas a movimentos interiores; seriam fatos emocionais [...]” (Gancho, 1991, p. 15). Conforme a autora, “[...] o enredo psicológico se estrutura como o enredo de ação; isto equivale a dizer que tem um conflito, apresenta partes, verossimilhança e, portanto, é passível de análise” (Gancho, 1991, p. 15).

Quanto ao personagem na narrativa, Gancho (1991, p. 17) declara que este “é um ser fictício” responsável pelo desempenho do enredo, ou seja, é quem desenvolve a ação. Os personagens podem ser classificados de diferentes maneiras. Há o protagonista, no qual é o personagem principal da narrativa. Este pode variar dependendo de suas características. Assim, seria denominado de protagonista “herói”, aquele com qualidades superiores ou o “anti-herói”, se possuir características menos convencionais. Em contraste, o antagonista, que possui características opostas ao protagonista. Além deles, existem os personagens secundários, personagens menos importantes na história ou que aparecem com menos frequência no enredo (Gancho, 1991).

Além da classificação, Gancho (1991, p. 19-20) reitera que os personagens podem ser caracterizados em: personagens planos “tipo”, reconhecidos por meio de características típicas; personagens planos “caricatura”, reconhecidos por características fixas ou ridículas, que estão frequentemente presentes em história de humor, e os personagens redondos, os quais têm a capacidade de mudar no decorrer da história, conforme as condições físicas, psicológicas, sociais, ideológicas e morais.

Em relação ao tempo da narrativa, vale ressaltar a definição de tempo cronológico e psicológico, baseando-nos ainda nas concepções da mesma autora. O tempo cronológico transcorre na sequência lógica do enredo e está “[...] ligado ao enredo linear (que não altera a ordem que os fatos ocorreram); chama-se cronológico porque é mensurável em horas,

dias, meses, anos, séculos” (Gancho, 1991, p. 21). Por outro lado, o tempo psicológico é definido como um “[...] tempo que transcorre numa determinada ordem pelo desejo ou pela imaginação do narrador, ou dos personagens, isto é, altera a ordem natural dos acontecimentos” (Gancho, 1991, p.22), portanto, não segue uma ordem linear.

Há também o elemento espaço, que, de maneira geral, é o lugar onde acontece a ação dos personagens em numa trama. Segundo Gancho (1991, p. 23), o espaço: “[...] só dá conta do lugar físico onde ocorrem os fatos da história; para designar um “lugar” psicológico, social, econômico, etc., empregamos o termo ambiente”. Logo, o ambiente consiste em diferentes funções. Não apresenta apenas o lugar, mas “[...] é um conceito que aproxima tempo e espaço, pois é a confluência destes dois referenciais [...]” (Gancho, 1991, p. 23).

Quanto ao narrador, a autora o define de “elemento estruturador da história” e para identificá-lo é imprescindível perceber qual pronome pessoal foi empregado na enunciação, uma vez que ele intervém na identificação dos tipos de narrador. Para tal, Gancho (1991) expõe as variações existentes para o narrador: em terceira pessoa (narrador observador) e narrador em primeira pessoa (narrador personagem). Este é estruturado por um narrador “intruso” (que fala com o leitor ou julga diretamente o comportamento dos personagens), bem como o narrador “parcial”, (que se identifica com algum personagem e permite que ele tenha maior destaque na história). Aquele, estruturado por um narrador testemunha (que narra acontecimentos dos quais participou), por último, o narrador protagonista (que é o personagem central narrando a história).

Acerca do funcionamento da estrutura narrativa, vale a pena trazer o posicionamento de Coelho (1997):

A matéria narrativa ou corpus narrativo resulta, pois, de uma voz que narra uma história a partir de um certo ângulo de visão (ou foco narrativo) e vai encadeando as seqüências (efabulação), cuja ação é vivida por personagens; está situada em determinado espaço; dura determinado tempo e se comunica através de determinada linguagem ou discurso, pretendendo ser lida ou ouvida por determinado leitor/ouvinte (Coelho, 1997, p. 97, grifo da autora).

Conforme podemos depreender, toda história exige um leitor/ouvinte e como é proposta desta pesquisa analisar uma obra narrativa dedicada ao público infantil, passaremos a tecer no próximo tópico algumas considerações em torno da narrativa infantil, buscando apontar alguns elementos considerados pela crítica como indispensáveis no gênero voltado para a criança.

2.1 Narrativa para crianças e jovens

Para delinear o conceito da narrativa destinada ao público infantojuvenil, é pertinente destacar que segundo Cunha (2003, p.70): “a obra literária para crianças é essencialmente a mesma obra de arte para adulto. Difere desta apenas na complexidade de concepção: a obra para criança será mais simples em seus recursos, mas não menos valiosa”. Para a autora, o crucial é não subtrair o caráter literário, conseqüentemente, artístico. Em outras palavras, a obra para crianças não deve ser considerada inferior a outra, em virtude de seu desenvolvimento ser mais simples. Logo, é desacertado confundir o simples com o fácil.

A respeito da delimitação no âmbito infantil, Meireles (1984) evidencia que constantemente são categorizadas como obras infantis aquilo escritas para elas. O ideal seria permitir que as crianças determinassem suas leituras com base em suas preferências, buscando tanto utilidade quanto prazer. Assim, não haveria “uma literatura infantil *a priori*, mas *a posteriori*” (Meireles, 1984, p. 20, grifo da autora).

Seguindo com a concepção de Cunha (2003), assim como as demais obras literárias, a narrativa para crianças consegue, por exemplo, seguir uma estrutura linear, com personagens planas e tempo cronológico, amplamente reconhecidos pela crítica literária. Em relação às características da narrativa infantil, a autora apresenta alguns pontos importantes. A principal preocupação de um narrador para crianças deve ser dominar com excelência a movimentação e ação dos personagens, dando ênfase na escolha do discurso direto para as falas. Na maioria das vezes, as personagens apresentam uma falta de complexidade significativa, sendo utilizadas personagens planas e é propício que a narrativa siga em tempo cronológico com um desfecho feliz.

A respeito da realização da trama, Cunha (2003) esclarece:

O desenvolvimento de uma história para crianças será forçosamente diferente do de uma narrativa para adultos. É claro que a criança vem acostumando-se aos poucos aos processos narrativos da televisão e do cinema, mas nestes a imagem e outros processos ajudam a criança a perceber mais facilmente mudanças mais complexas de planos narrativos. Por isso, vários processos usados num romance para adultos não podem ser empregados numa obra infantil, sob pena de tornar a narrativa inacessível à criança (Cunha, 2003, p. 98).

Depreendemos, assim, que a obra voltada para a criança deva levar em consideração seus interesses, detendo, portanto, elementos que estejam relacionados com a experiência infantil. Conforme Meireles (1994, p. 97) destaca: “A literatura, em lugar de ser a que escreve para as crianças, seria a que as crianças lêem com agrado”. Sendo

assim, os temas predominantes nas obras devem atender aos anseios infantis, daí a importância da brincadeira, dos bichos e vários outros assuntos ligados a imaginação, aspecto que povoa este universo.

Não podemos esquecer que a literatura infanto-juvenil vai além da sua utilidade educacional, não sendo apenas divertida ou puramente educativa. Um livro infantil pode ser tanto instrutivo quanto divertido, integrando aspectos pedagógicos sem esquecer o lado lúdico e emocional que a leitura é capaz de proporcionar.

Outro aspecto que merece ser levado em consideração diz respeito às ilustrações. Estas possuem um papel determinante no livro infantil, pois a imagem, ao fazer referência com o objeto ilustrado, possibilita para o leitor uma compreensão imediata do texto. De acordo com Oliveira (2009, p. 7): “[...] as imagens de um livro criam a memória visual das crianças, a leitura harmoniosa e participativa da palavra e da ilustração amplia o significado e alcance lúdico e simbólico de um livro”. Portanto, as ilustrações ampliam o aspecto lúdico da linguagem na narrativa.

Nessa perspectiva, a ilustração e o texto, simultaneamente, exercem um papel de potencializar uma narrativa. Segundo Lins (2009, p. 45), a “[...] imagem e o texto dialogam visualmente na página e com o leitor. A imagem passa a fazer parte integral da história, potencializando a comunicação e a mensagem”. Dessa forma, reconhecemos que a imagem não se restringe apenas a função de figurar a escrita de uma obra. Ela “[...] potencializa o objeto livro como veículo de comunicação com sua ludicidade particular e única” (Lins, 2009, p. 45).

Ainda sobre a natureza da Literatura Infantil, vale a pena trazer o posicionamento de Soriano (1975, *apud* Coelho, 1991):

A literatura infantil é uma comunicação histórica (localizada no tempo e no espaço) entre um locutor ou escritor-adulto (emissor) e um destinatário-criança (receptor) que, por definição, ao longo do período considerado, não dispõe senão de modo parcial da experiência do real e suas estruturas linguísticas, intelectuais, afetivas e outras que caracterizam a vida adulta (Soriano, 1975, *apud* Coelho, 1991, p. 30-31).

Isto significa dizer que o livro infantil assume a condição de instrumento, pelo qual a mensagem é transmitida por um adulto proprietário de experiência da realidade para a criança que tende ser capacitada a aprender e compreender o mundo real que a circunda. A partir desta perspectiva, podemos dizer que a leitura de narrativas em sala de aula cumpre um papel social primordial, pois acaba promovendo a ampliação dos horizontes dos leitores em formação, sendo necessário, assim, o desenvolvimento da leitura de uma forma planejada e sistemática. A leitura precisa ser uma atividade diária/constante de prazer no

ambiente escolar. A seguir, traremos mais algumas considerações sobre a história da Literatura infantil no Brasil, na tentativa de situar a presença de Ziraldo no contexto dessa produção brasileira.

3 ZIRALDO E A LITERATURA INFANTOJUVENIL

O propósito deste segundo tópico é situar a historicamente Literatura Infanto-Juvenil no Brasil, destacando, num segundo momento, a importância da obra de Ziraldo na formação de crianças e jovens leitores. Com base em trabalhos críticos já realizados em torno da obra do autor, apontar alguns estudos relevantes que subsidiaram a leitura de sua obra, indicando, assim, sua fortuna crítica.

A Literatura Infantil surge no século XVIII, período em que se verifica que a criança deixou de ser vista como um adulto em miniatura, dado que, anteriormente, compartilhava o mesmo contexto social do adulto. Um tempo depois é que começaram a perceber que as crianças possuíam particularidades e necessidades distintas em comparação aos adultos.

Segundo Coelho (1991, p. 29): “[...] os primeiros textos infantis resultaram da adaptação (ou da minimização) de textos escritos para adultos”. Portanto, o surgimento de obras infantis tiveram origem a partir de adaptações de produções originalmente destinada aos adultos. É o que aponta Lajolo e Zilberman (1999):

Antes disto, apenas durante o classicismo francês, no século XVII, foram escritas histórias que vieram a ser englobadas como literatura também apropriada à infância: as *Fábulas*, de La Fontaine, editadas entre 1668 e 1694, *As aventuras de Telêmaco*, de Fénelon, lançadas postumamente, em 1717, e os *Contos da Mamãe Gansa*, cujo título original era *Histórias ou narrativas do tempo passado com moralidades*, que Charles Perrault publicou em 1697 (Lajolo; Zilberman, 1999, p. 14).

Ainda com base nas autoras, identificamos que as obras submetidas aos adultos foram alteradas para atender ao público infantil, notadamente aquelas que receberam adaptações de Charles Perrault. Estas contribuíram assim para o surgimento de diversas outras versões. Apesar disso, os franceses não foram os únicos. De acordo com as autoras, “A expansão desta deu-se simultaneamente na Inglaterra, país onde foi mais evidente sua associação aos acontecimentos de fundo econômico e social que influíram na determinação das características adotadas” (Lajolo; Zilberman, 1999, p. 15).

Segundo as autoras:

A literatura infantil traz marcas inequívocas desse período. Embora as primeiras obras tenham surgido na aristocrática sociedade do classicismo francês, sua

difusão aconteceu na Inglaterra, país que, de potência comercial e marítima, salta para a industrialização, porque tem acesso às matérias-primas necessárias (carvão, existente nas ilhas britânicas, e algodão, importado das colônias americanas), conta com um mercado consumidor em expansão na Europa e no Novo Mundo e dispõe da marinha mais respeitada da época (Lajolo; Zilberman, 1999, p. 17).

No Brasil a Literatura que se volta para o público infantil surge ao longo do século XIX e definitivamente no começo do século XX, com um valor significativo no âmbito da educação infantil. Os livros publicados nessa época consistiam em traduções de obras provenientes da Europa, apresentando aspectos didáticos e obras que valorizavam a burguesia, moldando assim a essência e a natureza dos textos disponíveis naquela fase. Dessa forma, “[...] é entre os séculos XIX e XX que se abre espaço, nas letras brasileiras, para um tipo de produção didática e literária dirigida em particular ao público infantil” (Lajolo; Zilberman, 1999, p. 25).

Nesse contexto, as obras da literatura infantil brasileira seguiam um modelo narrativo e heroico próprio, encaminhando-se para dois caminhos diferentes, onde, de um lado eles reproduziam e interpretavam a sociedade nacional, como também, avaliavam o processo acelerado de modernização e de outro, representavam o mundo da criança melhor organizado na fantasia do que na realidade. Como explica melhor as autoras:

De um lado, reproduz e interpreta a sociedade nacional, avaliando o processo acelerado de modernização, nem sempre aceitando-o com facilidade, segundo se expressam narradores e personagens. Para tanto, circunscreve um espaço preferencial de representação — o ambiente rural — o qual passa a simbolizar as tendências e o destino que experimenta a nação, quando não significa, na direção contrária, a negação dos mesmos processos e a idealização de um passado sem conflitos. De outro lado, dá margem à manifestação do mundo infantil, que se aloja melhor na fantasia, e não na sociedade, opção que sugere uma resposta à marginalização a que o meio empurra a criança (Lajolo; Zilberman, 1999, p. 67).

Monteiro Lobato foi responsável pela criação de uma literatura infantil genuinamente brasileira. Sua escrita apresenta características típicas de um ambiente rural e elementos do folclore brasileiro. Em suma, o desenvolvimento dessa literatura voltada para o público infantil foi marcada por inúmeras adaptações e traduções de obras estrangeiras, havendo também uma notável contribuição de autores nacionais essenciais para configuração e enriquecimento da produção contemporânea de livros infantis. Sobre esse aspecto, Coelho (1991, p. 27-28) sublinha que: “Conhecer a literatura que cada época destinou às crianças é reconhecer os ideais e valores ou desvalores sobre os quais cada sociedade se fundamentou (se fundamenta...)”. Em outras palavras, ao adentrarmos no estudo de obras literárias anteriores, somos capazes de adquirir uma compreensão mais profunda dos princípios e crenças nos quais a sociedade estava baseada.

Sob a influência de Lobato, muitos são os escritores que seguiram sua trilha, sobretudo a partir dos anos 60 do Século XX, momento em que a crítica aponta como o período em que houve um *boom* na produção literária voltada para crianças no país. Descendem de Lobato, nomes internacionalmente reconhecidos como Ruth Rocha, Ana Maria Machado, Sylvia Orthof, Maria Clara Machado e tantos outros que compõem hoje um bom acervo de obras voltadas a crianças e jovens. Vejamos a seguir algumas considerações em torno da produção de Ziraldo, autor que se destaca não apenas pela publicação de livros voltados para esse público, mas também pela arte de ilustrar.

3.1 Ziraldo e a importância de sua obra para formação de leitores

Conforme já enunciamos, Monteiro Lobato abriu o caminho para uma Literatura Infantil enraizada na cultura brasileira, servindo de referência para os autores que posteriormente se identificaram com o público infantil e vieram a produzir obras de boa qualidade estética voltada para este público. Vale destacar ainda que essa literatura inicial se reveste de um caráter moralizador, sobretudo quando nos deparamos com os primeiros livros de poemas infantis. Partindo dessa constatação, podemos dizer que a Literatura Infantil passa por um processo de transformação, saindo de um campo pedagógico, utilitarista, para uma perspectiva lúdica, identificada com os gostos e os interesses das crianças, valorizando, assim, os traços definidores do que entendemos como infância.

Nesse processo de evolução, tivemos alguns autores brasileiros que desempenharam papéis relevantes. Entre eles, destacam-se grandes nomes como Monteiro Lobato (o iniciador dessa produção), Tales de Andrade, Ana Maria Machado, Ruth Rocha e vários outros, inclusive Ziraldo, autor da obra que analisamos neste trabalho. Não podemos deixar de dizer que sua obra tem grande contribuição para esse movimento de transformação e consolidação da literatura voltada ao público infantil brasileiro.

De acordo com Santos (2009, p. 26): “Ziraldo Alves Pinto nasceu na cidade de Caratinga, em Minas Gerais, em 24 de outubro de 1932. Neste local passou sua infância e fez o ensino básico”. Assim, logo ele começou a estudar e se dedicar à artes e por isso, rapidamente ingressou no mundo artístico, conforme menciona a autora:

Sua paixão pelo desenho vem da mais tenra idade, e aos 6 anos teve seu primeiro desenho publicado na Folha de Minas. Também desde a infância cultiva o gosto pela leitura, em especial: Monteiro Lobato, Viriato Correa, Clemente Luz, e principalmente os gibis da época de onde começou a vislumbrar seu futuro (Santos, 2009, p. 26).

Ainda conforme Santos (2009), Ziraldo lançou na década de 60, a *Turma do Pererê*,

uma história em quadrinhos escrita e colorida por ele mesmo, fato que marcou a história brasileira. Entretanto, *Flicts* (1969) foi sua primeira obra destinada ao público infantil. O escritor ficou bastante conhecido também pela escrita e ilustrações destinadas aos livros infantis, além disso, foi cartunista, chargista, humorista, cronista e dramaturgo. Suas obras se destacam pela diversidade de assuntos, pela forma divertida de abordagem dos temas e nas ilustrações feitas com muita criatividade.

O menino marrom, obra de 1986, traz em seu enredo, conforme o título da obra, a figura de um garoto designado pela cor marrom, sendo notável que o autor valoriza os traços da identidade do personagem negro, desempenhando um papel importante, dado que vem para desconstruir possíveis estereótipos existentes na sociedade. Não obstante, a obra também explora diversas questões relacionadas à diversidade e herança cultural. Apesar de certos críticos apontarem algumas limitações na maneira como o negro é representado na narrativa, consideramos que o livro apresenta uma possibilidade de valorização do negro no contexto da literatura Infantojuvenil, abrindo caminho para novas possibilidades de valorização da cultura negra em obras destinadas ao público infantil. O livro, ao nosso ver, promove uma representação autêntica na literatura, resultando numa conscientização sobre valorizar a singularidade de cada ser.

3. 2 O negro na Literatura: algumas considerações

O Brasil é historicamente composto por uma diversidade de culturas, predominantemente, englobado de negros, índios e mestiços. Desde que os portugueses ocuparam as terras brasileiras, os negros foram feitos de escravos pelos senhores que detinham poder na época. Nesse processo de colonização, eles sofreram bastante com a desigualdade social e o preconceito relacionado à cor da pele.

Esse cenário histórico influenciou não apenas a sociedade, mas também deixou marcas na literatura dessa fase. Mesmo após a abolição dos escravos, é possível perceber um tanto de desigualdade e preconceito que ainda penduram em nossa sociedade até os dias atuais.

Cuti (2010, p. 15) afirma que: “O século XIX marca o período de nacionalidade brasileira, com a Independência, a Abolição e a República. A crítica literária brasileira não podia ficar à margem do processo, pois fazia e faz parte do conjunto das relações sociais”. Nesse ínterim: “O preconceito e o racismo persistem como resíduos nefastos de uma estrutura social, que ultrapassada pelo processo histórico, busca sobrevivência na rede discursiva que fornece sustentação ideológica ao comportamento discriminatório.” (Duarte, 2013, p.148).

Nessa perspectiva, sobre a forma como os autores terão de investigar as temáticas relacionadas às experiências dos africanos e de seus descendentes no Brasil, Cuti (2010, p. 17) declara que:

A maneira como os escritores tratarão os temas relativos às vivências dos africanos e de sua descendência no Brasil vai balizar-se pelas ideias vindas da Europa, abordando o encontro entre os povos, sobretudo no que diz respeito à dominação dos europeus desde o início da colonização (Cuti, 2010, p. 17).

A respeito da representação do negro na literatura brasileira, torna-se importante fazer referência a um estudo examinado por Proença Filho (2004), no tocante aos estereótipos dos personagens negros a partir do século XIX. Nessa acepção, o estudioso inicia pelo “escravo nobre”, um personagem que mesmo sabendo do direito de sua liberdade, permanece na linha de submissão.

Outra dimensão associada a essa é a do “negro vítima”, que apesar de ser idealizado, ainda não possui a sua libertação. Nesse momento, emerge também o “negro infantilizado, serviçal e subalterno” que apresenta a mesma inferioridade. Além desses estereótipos, há ainda diversos outros e por esse motivo “a prevalência da visão estereotipada permanece dominante, aliás, na literatura brasileira contemporânea, pelo menos até os anos de 1960, quando começam a surgir, paralelamente, textos comprometidos com a real dimensão da etnia” (Proença Filho, 2004, p. 166). Complementando essa questão, o pesquisador afirma que:

O personagem negro ou mestiço de negros caracterizado como tal ganha presença ora como elemento *perturbador* do equilíbrio familiar ou social, ora como negro heróico, ora como negro humanizado, amante, força de trabalho produtivo, vítima sofrida de sua ascendência, elemento tranquilamente integrador da gente brasileira, em termos de manifestações (Proença Filho, 2004, p. 174, grifo do autor).

Dessa forma, constatamos que apesar de todas as evoluções relacionadas as imagens dos negros na literatura brasileira, estes ainda estão num processo de construção. Visto que, ainda há um caminho a percorrer em termos de oferecer uma representação mais completa, autêntica e inclusiva das experiências, identidades e perspectivas dos negros na literatura. Isso se comprova quando comparamos a literatura composta por protagonistas brancos a outras literaturas com personagens negros, sendo notável uma grande diferença de números. Por isso a busca pela inclusão das vozes negras nas escritas brasileiras e representação dos personagens, nessa virtude, continua sendo um objetivo de evolução.

Em relação à literatura infantojuvenil, no contexto histórico, os personagens negros também aparecem em minorias. De acordo com Castilho (2004, p. 109): “As crianças negras continuam sendo excluídas do processo de comunicação instaurado pela literatura paradidática”. Segundo a autora, somente: “A partir da década de 80, como resultados de pesquisas, estudos, propostas no campo acadêmico e literário somadas a movimentos em favor da não-discriminação, surgem autores com novas propostas de obras literárias para crianças” (Castilho, 2004, p. 110). Assim, a obra de Ziraldo, *O menino marrom* (2013), participa facilmente desse contexto das novas tendências de obras literárias, na medida em que apresenta uma narrativa que subverte com estereótipos atribuídos aos negros persistidos até a contemporaneidade.

No contexto da escola, a temática torna-se particularmente significativa, considerando que o âmbito escolar abrange uma grande diversidade cultural. Logo, a reflexão sobre a história e cultura afro-brasileira é capaz de promover o reconhecimento de um povo que por muito tempo foi negligenciado. É importante ressaltar, que no dia 10 de março de 2008 foi estabelecida a Lei federal de nº 11.645, que torna obrigatória o ensino da história e cultura afro-brasileira e a indígena, ao longo dos anos iniciais e anos finais, tanto em escolas públicas quanto privadas.

Portanto, consideramos a importância de se trabalhar em sala de aula obras literárias que exploram a temática da diversidade cultural, como também, a representação da identidade de crianças, sobretudo, a representatividade negra. Assim, as crianças negras identificarão sua identidade de forma positiva, ao passo que as crianças brancas terão a oportunidade de compreender as diversidades existentes em nossa sociedade. Nesta perspectiva, a narrativa de Ziraldo, especificamente *O menino marrom* (2013), se apresenta como uma indicação indispensável. Vejamos, a seguir, uma análise dessa narrativa, que busca evidenciar de maneira mais precisa a representação negra na obra.

4. A REPRESENTAÇÃO DO NEGRO NA LITERATURA INFANTO-JUVENIL: leitura de *O menino marrom*, de Ziraldo

Esse terceiro momento do artigo é dedicado ao estudo analítico da narrativa *O menino marrom* (2013), procurando perceber de que maneira o negro aparece representado na obra de Ziraldo, sobretudo neste livro, que chama a atenção pela ilustração produzida pelo próprio autor, numa textura forte, quente e ao mesmo tempo muito suave, evidenciando, assim, a beleza do menino negro. A análise se centrará na abordagem do

protagonista da obra, sem deixar de fazer referência a outros elementos estruturais da narrativa que se fizerem importantes para a construção do perfil do principal personagem do livro.

O menino marrom, de Ziraldo, foi publicado inicialmente, em 1986, pela Editora Melhoramentos. A história é sobre a amizade entre dois meninos, um de cor (marrom) e o outro (cor-de-rosa). Unidos, eles vivem diversas aventuras, que se passam entre as suas respectivas casas e na escola onde estudavam juntos. O enredo se inicia com a descrição dos personagens, fato bem detalhado pelo narrador.

A princípio, o autor pretendia escrever a história apenas do menino marrom, mas percebeu a necessidade de incluir um amigo para o garoto. Nesse momento, Ziraldo usa a referência da música de Tom Jobim, afirmando que “é impossível ser sozinho”. Portanto, os amigos compartilham suas experiências a partir da infância, por conseguinte, faziam questionamentos e aprendiam em conjunto. Em um certo dia, o menino marrom misturou todas as tintas com cores do arco-íris, o resultado surpreendeu os dois, dado que: “[...] a mistura das cores todas deu um marrom. Um marrom forte como o do chocolate puro” (Ziraldo, 2013, p. 15).

Posteriormente, a professora da escola que eles estudavam, mostra o disco de Newton para eles e questiona-os qual cor resultaria se ela girasse o disco. O menino marrom, muito empolgado, responde: “Viram marrom!” (Ziraldo, 2013, p.17). Porém, a professora mostra que o resultado era branco e explica “O branco é a soma de todas as cores em movimento” (Ziraldo, 2013, p. 18). Ao chegarem em casa, os dois refletiram muito, nesse momento, ficou entendido que: “[...] se misturar todas as cores e elas não girarem, elas ficam marrom. Se misturar todas as cores - em partes iguais - e botá-las para rodar, elas viram o branco” (Ziraldo, 2013, p. 18).

Prosseguindo com a narrativa, o narrador estende sobre a história dos dois meninos que evoluíram, e neste instante seguem destinos diferentes, quando o menino cor-de-rosa viaja para longe de seu amigo. Embora eles mantivessem contato, a vida prosseguiu.

A história tem um final em aberto, em razão de que o narrador não especifica o futuro dos meninos, ele esboça os caminhos que ambos poderiam seguir:

[...] Um é craque de basquete, e o outro, de voleibol; um já está quase formado, e o outro não estuda mais - ou os dois já se formaram, todos dois já são doutores - já nem posso precisar. Só sei que um desistiu de tocar bateria e o outro fez um samba e gravou uma canção; um está tocando flauta, e o outro, violão (Ziraldo, 2013, p. 31).

Dessa forma, o leitor fica livre para atribuir as opções citadas para qualquer um dos

meninos, uma vez que o narrador não distingue o destino dos dois. Ao que tudo indica, o final da história sustenta-se na reflexão em que não se deve haver rotulações de pessoas devido a cor da sua pele.

O enredo da obra é narrado em primeira pessoa, pelo próprio autor, que faz interferências e comentários no desenvolvimento da história. Os personagens que aparecem com mais destaques são: o menino marrom (protagonista) e o menino cor-de-rosa (personagem secundário). Os mesmos, são apresentados com características de crianças curiosas no período de amadurecimento. Outrossim, a obra descrita possui um enredo linear, com tempo cronológico, já que descreve a evolução dos meninos, desde a infância até a vida adulta. Quanto ao espaço, não fica evidente um lugar específico, mas sim, um contexto social dos personagens. Podemos perceber alguns acontecimentos nos locais da casa, escola, rua, e rodoviária onde os dois meninos frequentaram.

4.2 Análise do personagem negro na narrativa: *O menino marrom*

Inicialmente, o narrador descreve as características detalhadamente do protagonista, sendo evidente o enaltecimento da identidade negra do menino marrom. Para a descrição, Ziraldo esclarece: “vou ter até que ajudar com algumas informações, que é para descrição do menino ficar mais completa” (Ziraldo, 2013, p. 3). Em seguida, ele faz uma comparação da cor de pele do menino com as cores de alguns elementos da natureza, enaltecendo o menino negro:

Sua pele era cor de chocolate. Chocolate puro, não aqueles misturados com leite (não gosto de chocolate com leite, daí achar a cor do chocolate puro mais bonita). Os olhos dele eram muito vivos, grandes. As bolinhas do olhos pareciam duas jabuticabas: pretinhas. Aliás, pretinhas, não. Jabuticabas não são pretas. Para falar a verdade, tem muito pouca coisa realmente preta na natureza (Ziraldo, 2013, p. 3).

Ao fazer a comparação da cor de pele, Ziraldo discute sobre o que é absolutamente preto na natureza e diante desse pensamento, é possível avistar uma preocupação do autor para a visibilidade da cor marrom. Nesse caso, ele espera que o leitor consiga vislumbrar o menino pela cor da descrição, uma vez que, quando consideramos uma cor, imediatamente, surgem ideias com significados diferentes associados a ela. Portanto, podemos inferir que a percepção das cores por cada indivíduo é inteiramente subjetiva.

Em seguida, o narrador complementa: “E vamos deixar de ficar falando nesse negócio de preto, pois a nossa história é do menino marrom. Entrei nessa de preto, de repente, porque este assunto vai rolar daqui a pouco. Só que é um assunto do menino marrom e não meu” (Ziraldo, 2013, p. 3). Por meio da comparação do garoto à cor preta,

inferimos que isso representa uma tentativa de retratá-lo como uma criança comum, buscando desmistificar estigmas ou preconceitos, e assim, quebrar possíveis barreiras discriminatórias.

Percebemos, dessa forma, a preocupação do autor em descrever de maneira positiva, sem deixar brechas para qualquer tipo de preconceito existente em nossa sociedade, a beleza do menino negro. Aliás, a beleza da pele dos dois meninos é feita de maneira delicada, como podemos verificar neste fragmento, quando se refere a pele do menino branco: “[...] todo mundo achava que ele era cor-de-rosa. Principalmente porque ele tinha o rosto muito coradinho” (Ziraldo, 2013, p. 10). Observe que o autor utiliza o advérbio de intensidade *muito* para designar os adjetivos destinados aos personagens, intensificando ainda mais os seus traços físicos.

Ainda contextualizando a descrição do protagonista, o narrador declara: “Agora, falta falar se ele era alegre ou se era triste, se era um boa-praça ou se era um chatinho. Não, chatinho ele não era. Era, isto sim, muito curioso (e se existe gente grande que não tem paciência com menino perguntador, não é o menino que é chatinho)” (Ziraldo, 2013, p. 6). Neste momento, o narrador destaca um traço psicológico da criança: natureza curiosa, característica prevalente e esperada para uma criança da idade dele.

Outro indício da valorização da cor do menino se verifica através da maneira como Ziraldo apresenta as ilustrações dos dois garotos em seu texto, mais precisamente a do protagonista: “Acho que dá para se ter uma ideia pelo desenho (que está logo aí, na virada de página). Caprichei no desenho do menino, mas acho que ele era muito mais bonito pessoalmente” (Ziraldo, 2013, p.3). Há ainda, uma preocupação que diz respeito as cores escolhidas para colorir as ilustrações. Conforme o autor afirma: “Quando, por exemplo, faço uma ilustração para um livro e faço o desenho com traços pretos sobre o papel branco, eu indico as cores que quero para cada detalhe” (Ziraldo, 2013, p.8).

Durante o desenvolvimento do enredo, as discussões sobre a diferença do preto e do branco são bem recorrentes. Ao levar para o lado da consciência dos dois meninos, sobre as suas diferenças, o autor faz a seguinte reflexão: “puxa vida! Se um era marrom e outro era - digamos - cor-de-rosa, por que é que todo mundo dizia que um era preto e o outro era branco?” (Ziraldo, 2013, p. 20).

Em seguida, o narrador complementa: “[...] o menino marrom achava normal ser chamado de preto. Mesmo cor-de-rosa, o menino cor-de-rosa achava normal ser chamado de branco” (Ziraldo, 2013, p. 20). Os dois: “[...] nunca tinham se preocupado com o fato de um ser de uma cor e o outro ser de outra. Agora, eles queriam saber o que era branco e o que era preto e se isso fazia os dois diferentes” (Ziraldo, 2013, p. 20). Com isso, podemos

deduzir que de tanto ouvirem sobre as diferenças, os garotos começaram a se questionar sobre suas diferenças e se era algo que mudaria a amizade entre eles.

Mesmo depois de muito tempo, o menino marrom volta para a reflexão:

Se o azul é uma cor fria e o vermelho é uma cor quente, por que é que, na cabeça de ninguém, uma é o contrário da outra? Quem foi que inventou que o preto é o contrário de branco? Se eu marrom e se meu melhor amigo não é exatamente branco, por que é que nos chamam de preto e de branco? Será que é para ficarmos um contra o outro? (Ziraldo, 2013, p.29).

Com base nos questionamentos expostos, acreditamos que o narrador utiliza de uma linguagem realista como forma de, a nosso ver, romper os estereótipos referentes ao personagem negro. Torna-se importante perceber a maneira como o personagem do menino marrom foi posicionado diante de todo o contexto de indagações das diferenças entre ele e seu amigo. Vale destacar que o personagem negro não foi tratado, em nenhum momento como vítima. Além disso, o personagem do menino marrom revela ter compreensão de suas diferenças biológicas, bem como do preconceito de cor que a sociedade impõe sobre ele.

Outro ponto que merece destaque diz respeito ao fato do livro ser nomeado de *O menino marrom*. Quanto a este aspecto, o próprio Ziraldo esclarece que talvez a origem do título do livro esteja associado ao fato que aconteceu com o técnico da gráfica na coloração das ilustrações, no qual, ele mandou um desenho indicando para colorir o menino branco utilizando a expressão “cor de pele”. Desse modo, imediatamente, o técnico da gráfica indaga: “Escuta, o senhor quer cor de pele branca ou cor de pele marrom?” (Ziraldo, 2013, p. 6). Depois desse episódio, ele considerou conveniente contar a história do menino marrom. Sem hesitação, o autor ainda comenta: “a gente escreve cor de pele na indicação e quer que as pessoas adivinhem que cor de pele que é. Como se todos os meninos do mundo, de todas as histórias, tivessem uma cor só” (Ziraldo, 2013, p. 12).

A nosso ver, na medida em que inclui em sua obra questões da diversidade racial, a partir da exaltação das cores de pele dos personagens, Ziraldo atribui metaforicamente diferentes olhares para a compreensão de um racismo estrutural, que inconscientemente faz parte das relações sociais. Desse modo, entendemos que a obra auxilia na construção da identidade da criança negra de forma positiva, enriquecendo, portanto, o acervo de literatura infantojuvenil.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este estudo buscou observar de que maneira o negro é retratado na narrativa *O menino marrom* (2013), de Ziraldo. A leitura crítica da obra demonstra que o autor enaltece a beleza da etnia negra a que é pertencente ao menino marrom. O personagem é introduzido através de uma apreciação detalhada de suas características físicas e da tonalidade de sua pele, sem conceder espaço para qualquer tipo de rotulação ou preconceito que a sociedade possa tentar associar a ele.

O desenvolvimento da pesquisa nos permitiu revisitar a teoria da narrativa, mais particularmente a que se volta para o público infantil, nos possibilitando um maior entendimento das especificidades inerentes ao gênero. Além disso, compreendemos ainda o percurso histórico da Literatura Infantil, identificando o caráter pedagógico que marca o seu surgimento, bem como o momento em que começa a aparecer autores interessados em criar uma literatura em que o negro comparecesse não de forma estereotipada, mas numa perspectiva de respeito e valorização de seus traços.

Nesta perspectiva, entendemos que o livro de Ziraldo desponta como uma amostra de obras que abriram novos caminhos para a exploração do negro na literatura, seguindo a esteira de Ana Maria Machado, Geni Guimarães, dentre outros autores que abordaram e abordam essa temática.

Desse modo, acreditamos que a leitura de *O menino marrom* (2013) em sala de aula pode colaborar para a construção da identidade e dos valores dos alunos em geral. Além disso, sua leitura é capaz de propiciar o respeito às diferenças étnicas e raciais. Enfim, a análise de obras como essa, nos revela a inclusão do negro na literatura infantojuvenil, desconstruindo o estereótipo instituído historicamente em torno da imagem negra e promovendo a conscientização sobre a importância de valorizar a singularidade de cada indivíduo.

Em suma, ao considerar o que foi exposto, esta pesquisa se faz bastante relevante para os estudos em literatura, mais precisamente na área de literatura infantojuvenil, na medida em que amplia os estudos em torno da representação do negro em obras literárias. Desse modo, podemos dizer que a obra se faz necessária em sala de aula, podendo contribuir para a formação leitora dos estudantes.

REFERÊNCIAS

CASTILHO, Suely Dulce de. A representação do negro na literatura brasileira: Novas perspectivas. **Olhar do professor**, 2004. Disponível em: <https://www.redalyc.org/articulo.oa?id=68470108>. Acesso em: 7 nov. 2023.

COELHO, Nelly Novaes. **Literatura Infantil**: teoria – análise – didática. 5. ed. São Paulo: Ática, 1991.

CUNHA, Maria Antunes. **Literatura infantil**: teoria e prática. 18. ed. São Paulo; Ática, 2003.

CUTI, Luiz Silva. **Literatura negro-brasileira**. São Paulo: Selo Negro, 2010. Consciência em debate.

DENZIN, Nornan Kent; LINCOLN, Yvonna Sessions. **Planejamento da pesquisa qualitativa**: teorias e abordagens. Porto Alegre: Artmed, 2006.

DUARTE, Eduardo de Assis. O negro na literatura brasileira. **Navegações**, [s. l.], 2013. Disponível em: <https://revistaseletronicas.pucrs.br/ojs/index.php/navegacoes/article/view/16787>. Acesso em: 4 de nov. 2023.

FILHO, Domício Proença. A trajetória do negro na literatura brasileira. **Estudos avançados**, [s. l.], 2004. Disponível em: <https://www.revistas.usp.br/eav/article/view/9980>. Acesso em: 2 de nov. 2023.

GANCHO, Cândida Vilares. **Como analisar narrativas**. São Paulo: Ática, 1991.

GENETTE, Gérard. **Discurso da narrativa**. Lisboa: Vega, 1995.

GIL, Antônio Carlos. **Métodos e técnicas de pesquisa social**. 5. ed. São Paulo: Atlas, 1999.

LAJOLO, Mariza & ZILBERMAN, Regina. **Literatura Infantil Brasileira**: história e histórias. 6 ed. São Paulo: Ática, 1999.

LINS, Guto. Fundamentos e técnicas da arte de ilustrar. *In*: MENDONÇA, Rosa Helena (org.). **A arte de ilustrar livros para crianças e jovens**. TV escola: Salto para o futuro, 2009.

MEIRELES, Cecília. **Problemas da Literatura Infantil**. 3.ed. Rio de Janeiro: nova fronteira, 1984.

OLIVEIRA, Rui de. A ilustração como arte narrativa. *In*: MENDONÇA, Rosa Helena (org.). **A arte de ilustrar livros para crianças e jovens**. TV escola: Salto para o futuro, 2009.

PINTO, Ziraldo Alves. **O menino Marrom**. 2. ed. São Paulo: Melhoramentos, 2013.

SANTOS, Kelly dos. **O menino Maluquinho**: A importância da literatura infantil no processo de leitura e escrita. 2009. Monografia de Graduação (Bacharel no curso de Pedagogia) - Universidade estadual da Bahia, [S. l.], 2020. Disponível em: <<https://repositorio.ufba.br/handle/ri/32290>>. Acesso em: 2 de nov. 2023.